

# AFRÂNIO PEIXOTO: NOTAS SOBRE UMA TRAJETÓRIA MÉDICA

MARCOS CHOR MAIO

## Introdução

Afrânio Peixoto é um personagem de múltiplas entradas no campo intelectual brasileiro. Médico, literato, pedagogo e administrador público nas áreas de medicina e educação, Afrânio não se furtou, bem na tradição das elites da época, à carreira de parlamentar. Este texto tem por objetivo apresentar algumas marcas da carreira profissional e intelectual de Afrânio Peixoto, dando especial atenção a algumas estratégias de intervenção na vida pública, acionadas a partir de sua atuação no campo médico.

## Ponto de partida

Os caminhos percorridos por Afrânio Peixoto se confundem, em grande parte, com os de muitos intelectuais consagrados da República Velha. Filiado aos "parentes pobres" da oligarquia" (Miceli, 1979:21-22) Afrânio foi recriado nas biografias existentes (Ribeiro, 1950; Sales, 1988; Couto, 1976; Aragão, 1977; Menezes, 1968; Viana Filho, 1963) tendo por base o seguinte tripé: o nascimento no interior da Bahia, em Lençóis, a experiência como aluno e professor na Faculdade de Medicina da Bahia e, finalmente, a transferência da "província" para a "corte", onde foi consagrado como médico-legista, professor de higiene e literato.

Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, na Chapada Diamantina, em 1876. O pai, de ascendência portuguesa, veio do Recôncavo Baiano e era comerciante de diamantes. Sua formação escolar inicial sofreu grande influência tanto do pai quanto de uma professora da região. Com a crise da exploração de diamantes, a família Peixoto transferiu-se para Canavieiras, no litoral sul baiano, região de cacau, onde Afrânio Peixoto concluiu o curso primário. Com a ajuda de um preceptor iniciou o curso de "humanidades". Aos 12 anos incompletos, sob os cuidados de um tio, mudou-se para Salvador no intuito de finalizar os estudos secundários.

Em 1892, ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia e forma-se em 1897, defendendo a tese de doutoramento, "Epilepsia e Crime". Esta tese, publicada em 1898, se constituiu num importante marco de sua trajetória pois foi prefaciada por Nina Rodrigues e Juliano Moreira, dois consagrados médicos à época. É também deste período a publicação de uma série de artigos sobre medicina legal.

Em seguida a conclusão do curso, Afrânio Peixoto fez algumas incursões pela clínica médica tanto em Canavieiras, como no interior de São Paulo, sem maiores consequências. No intervalo destes ensaios de inserção profissional, Afrânio conheceu o Rio de Janeiro. Retornando a terra natal, Nina Rodrigues e Góes Calmon, que era um importante chefe político local, deram o necessário respaldo para Afrânio concorrer a função de preparador de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, atividade que exerceu por dois anos. Além desta função, foi professor-substituto da cadeira de Medicina Pública na Faculdade de Direito da Bahia.

Em suas "Memórias", inéditas até hoje, Afrânio enfatiza sua dupla condição de médico e literato. Como médico, ressalta a absorção de conteúdos teóricos e de experimentação, este último ligado ao mundo do laboratório. No mais, procura revelar sua polivalência, indicando sua vocação literária, inaugurada em 1900 com a publicação do livro Rosa Mística, editado em Leipzig, na Alemanha. Esta era uma nota comum àquele tempo, onde os escritores brasileiros se esforçavam em ser polígrafos, refletindo a reduzida diferenciação existente no campo intelectual. O mais frequente era "o médico, o

bacharel, o militar ou o engenheiro que, além dos temas técnicos de sua especialização, versasse a política e a literatura, esta em numerosos gêneros de prosa e verso." (Machado Neto, 1973:51)

### A vinda para a corte

Afrânio Peixoto encontrava-se no início de sua vida profissional quando a medicina legal sofreu importantes mudanças, especialmente a influência da medicina experimental. Identificado com as mudanças e ascendendo rapidamente na carreira, Afrânio se defrontou com os limites da província. Dentre os limites mais visíveis estava a impossibilidade de ascensão, naquele momento, no quadro funcional da Faculdade de Medicina, já que Nina Rodrigues era o titular. Diante desta situação, decidiu concorrer a vaga do professor Souza Lima na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, principal autoridade em medicina legal na capital federal, prestes a se aposentar. É interessante registrar que Nina Rodrigues tentou dissuadi-lo de tal empresa, ainda mais se Oswaldo Cruz participasse da competição. (Corrêa, 1982:165) O concurso só se realizaria em 1906.

A vinda para a "corte" esteve envolta por uma rede de relações construída na Bahia. A convite de seu amigo Juliano Moreira, já instalado na cidade, e com o beneplácito do então Governador do Estado, Severino Vieira, ocupou uma vaga de inspetor sanitário na reforma da Saúde Pública realizada naquele momento. (Ribeiro:1950)

No Rio de Janeiro, estreitou contatos com o universo político, como foi o caso dos vínculos com seu conterrâneo e futuro Ministro da Justiça de Rodrigues Alves, J.J.Seabra, rendendo-lhe importantes frutos. O primeiro deles, que se reverteu rapidamente em frustração, foi a sua indicação para a Secretária da Diretoria Geral de Saúde Pública, cuja direção seria delegada a Oswaldo Cruz. Não tendo consultado nem a Oswaldo Cruz e muito menos a Afrânio sobre suas intenções, J.J.Seabra criou uma situação de tal constrangimento, que nunca mais seria superada. Oswaldo Cruz não aceitou a indicação de Afrânio Peixoto pois já havia se comprometido com outra pessoa para o cargo. Para diminuir os efeitos negativos de tal situação, Cruz convidou o médico baiano para a direção do Hospital de Jurujuba, o qual prontamente recusou. (Memórias, in Ribeiro, 1950: pp.36-38)

Em 1903, logo em seguida ao "caso Oswaldo Cruz", Afrânio foi trabalhar com Juliano Moreira no Hospital Nacional de Alienados, assumindo em pouco tempo a direção da instituição, devido a enfermidade de Moreira. A obstrução momentânea do caminho que o levaria a saúde pública e a aproximação com a psiquiatria, fortaleceram os laços de Afrânio com a medicina legal. Desde o final do século XIX, a psiquiatria, a psicologia, com parte significativa do seu aparato conceitual calcado nos princípios da biologia, tiveram muitos pontos de contato com a medicina legal. Foi em sua gestão que, a pedido do Ministro Seabra, elaborou um regulamento dos serviços periciais da Polícia. No mesmo ano entrou para Academia Nacional de Medicina.

Em 1905, inscreve-se no concurso para a cadeira de Medicina Pública, que então compreendia duas matérias: Higiene e Medicina Legal. Devido ao adiamento do pleito, Afrânio lança mão de mais uma estratégia bem sucedida à época: uma viagem ao exterior para fins acadêmicos. (Stepan, 1976:21) Percorre dez países acompanhado pelo médico Oscar Rodrigues Alves, filho do então Presidente da República. Em 1906, ao aportar novamente em terra brasileira, tornou-se professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro após concorrer com os sanitaristas Barros Barreto e Tanner de Abreu para as cadeiras de Medicina Legal e Higiene. Afrânio atribuiu tal sucesso aos conhecimentos adquiridos na Bahia e que eram desconhecidos pelos concorrentes.

No início de 1907, assume a direção do gabinete médico-legal da polícia e transformado por lei em Serviço Médico Legal. O médico baiano participou da reforma dos serviços médico-periciais, permanecendo na instituição até 1910. É deste ano a publicação de "Elementos de Medicina Legal", pela Editora Francisco Alves e que até 1938 teve várias edições com uma tiragem total de 25 mil exemplares, um verdadeiro *best-seller* à época. (Hallewell: 1985) Com os recursos obtidos dos direitos autorais, viajou novamente a Europa em 1910 e 1911, aproveitando para conhecer também o Oriente Médio.

## Afrânio Peixoto e o "sorriso da sociedade"<sup>1</sup>

Já no início dos anos 10, pode-se afirmar que Afrânio já era uma figura de destaque no campo da medicina legal. Mas parecia pouco à quem almejava a consagração. Portanto, era necessário acionar novas estratégias para atingir tal objetivo. Foi o que se sucedeu na campanha organizada por ele para o ingresso na Academia Brasileira de Letras. Ser médico e literato, era a questão.

A porta de entrada no mundo das letras foi através da aproximação com o mercado editorial. Em suas "Memórias", Afrânio afirma que teria conhecido o livreiro Francisco Alves mediante um convite para que escrevesse um livro didático sobre medicina legal, já que "o compêndio de Medicina Legal de Souza Lima era inabordável e o Manual que lhe juntasse à doutrina algumas observações, por força seria bem recebido." (Ribeiro, 1950:86) O sucesso de tal empreendimento rendeu-lhe a mencionada viagem a Europa. Como se pode verificar, Afrânio encontrou um importante filão financeiro e de embrionário prestígio: o livro didático. (Hallewell, 1985:203-211)

Em 1911, com a morte de Euclides da Cunha, Afrânio decidiu concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Antes da viagem a Europa iniciou uma campanha junto aos "imortais". Este trabalho de convencimento foi desenvolvido com o auxílio de seu amigo Mario de Alencar, filho de José de Alencar. Ao saber da notícia de sua escolha, no Egito, escreveu o romance "A Esfinge", com o intuito de dar maior legitimidade a sua entrada na casa de Machado de Assis. Tomou posse em agosto daquele mesmo ano, sendo saudado por Araripe Júnior.

A entrada para a Academia Brasileira de Letras abriu as portas da literatura. "A Esfinge", além de se constituir num passaporte de entrada nos salões literários (Tristão de Athayde, Prefácio in Ribeiro, 1950:XV-XVI) obteve grande sucesso entre as elites à época, por apresentar para o "alto mundo" um elegante romance entre um artista idealista e uma "lady of fashion". (Needell, 1987:211)

Em 1912, Afrânio casou-se com Francisca de Faria, uma das filhas de Alberto de Faria, abastado homem de negócios, político, publicista, embaixador, autor de um livro sobre Mauá e acadêmico. O casamento com Francisca, que era vinte anos mais nova que Afrânio, é um bom exemplo de uma estratégia de ascensão social, de incorporação "aos círculos refinados onde serão recrutados dois dos principais líderes da reação católica, Alceu Amoroso Lima que se casara com uma de suas cunhadas, e Octávio de Faria, seu cunhado". (Miceli:1979;61)

### A dupla militância: medicina legal e saúde pública

Em 1913, Afrânio tornou-se professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, sem precisar fazer concurso em face a indicação de seu nome pela unanimidade da Congregação, tendo em vista o dispositivo legal que permitia a escolha de candidato que fosse autor de obra de notável saber. É deste mesmo ano a publicação de "Elementos de Higiene", que obteve várias edições. Neste mesmo ano, quando da posse de Oswaldo Cruz na Academia Brasileira de Letras, que teria sido sua sugestão, Afrânio fez o discurso de acolhida do então diretor do IOC. Em 1914 publica o romance "Maria Bonita", ambientado na zona cacauzeira do sul da Bahia. Em 1915, o médico e parlamentar Azevedo Sodré, ao assumir a Diretoria de Instrução Pública do então Distrito Federal, convida Afrânio para a direção da Escola Normal.

Em 1916, com a jubilação de Rocha Faria, assume a regência efetiva da cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina. Neste mesmo ano ocupa o cargo de Diretor-Geral da Justiça Pública do Distrito

1 A aparente superficialidade da expressão foi objeto de controvérsias à época de sua aparição. Sua definição para a famosa frase faz parte da introdução ao seu *Panorama da Literatura Brasileira* (Companhia Editora Nacional), São paulo, 1940, p. 5). Assim se segue: "A literatura, é como o sorriso da sociedade. Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito se lhe compraz nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesia, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento o espírito se concentra, grave, preocupado, e, então, história, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos são-lhe a preferência imposta, pela utilidade imediata". Mais recentemente, o escritor Josué Montello saiu em defesa do seu amigo de Academia. (Josué Montello, "O disparate de Afrânio Peixoto", *Jornal do Brasil*, 9/3/1993).

Federal e lança os livros "Psico-Patologia Forense" e "Minha terra, Minha gente". Este último livro, cívico de racismo, se propunha a fazer uma apresentação didática da história do Brasil.

Em 1917, Afrânio Peixoto realiza na Faculdade de Medicina, com o apoio do então diretor Aloysio de Castro, o primeiro curso de especialização em Medicina Pública (medicina legal e higiene). Com programa semelhante aos cursos periciais e sanitários que frequentou em Berlim, Viena e Paris, o curso aqui realizado contou com a colaboração dos professores Nascimento Silva, Leitão da Cunha e Diógenes Sampaio.

Em 1918, tornou-se vice-presidente do Conselho Consultivo da Liga Pró-Saneamento, movimento de caráter nacionalista que congregou médicos e intelectuais em torno da proposta do saneamento rural (Brito e Trindade, 1991:1) como item central de uma agenda para superar os males da sociedade brasileira.

O Brasil retratado pelo movimento tinha por base o importante relatório da expedição científica realizada por dois pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, Arthur Neiva e Belisário Pena, e que teve bastante repercussão à época. Este relatório, divulgado em 1916, descrevia as condições de saúde da população brasileira residentes no interior do país, revelando um quadro sanitário catastrófico. Com isso, a questão do saneamento foi colocada na ordem do dia, como o caminho mais viável para a construção de uma digna identidade nacional. A presença de Afrânio foi discreta, escrevendo dois artigos na revista "Saúde", órgão oficial da entidade. No mais importante, "Moinhos de Vento", o autor afirma que nem o clima, nem a raça poderiam ser responsabilizados pelas mazelas vividas pelo povo brasileiro. Apesar do conceito de raça não obter consenso no interior da Liga (Brito e Trindade, 1991) pode-se perceber uma certa ênfase neolamarckista nas possibilidades de superação dos condicionantes climáticos e/ou raciais através do saneamento. Neste sentido, a posição de "Moinhos de Vento" destoa de "Minha Terra, Minha Gente", apresentada acima. Talvez a ambiguidade de Peixoto deva ser entendida através da análise do lugar de onde escreve. No primeiro caso trata-se de uma publicação de natureza política, propondo-se a um nível de intervenção imediato na realidade enquanto o segundo diz respeito a elementos pedagógicos voltados para uma formação cívica.

A centralidade do tema saúde neste período suscitou intensos debates e projetos no parlamento. (Hochman, 1991) Em 1917, Afrânio participou de uma comissão da Academia Nacional de Medicina, que após longa discussão, propôs o surgimento do Ministério da Saúde Pública. (Labra; 1985:100) Não obstante o projeto do médico e parlamentar Azevedo Sodré não ter vingado, sua proposta de um Conselho Superior de Higiene, composta de "notáveis", influenciou na nomeação de uma comissão para regulamentação do decreto de Profilaxia Rural e da elaboração de um código sanitário para o país. Esta comissão seria composta por Rocha Faria, Instituto Oswaldo Cruz; Miguel Couto, presidente da Academia Nacional de Medicina; Aloysio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Afrânio Peixoto, catedrático de Higiene; Theófilo Torres, diretor-geral interino de Saúde Pública; Carlos Chagas, Diretor do Instituto Oswaldo Cruz; Clóvis Bevilacqua, professor da Faculdade de Direito e Domingos Cunha, consultor de Engenharia Sanitária da DGSP e professor da Escola Politécnica. A mesma comissão foi convidada a colaborar com o recém-eleito Epiácio Pessoa na preparação da mensagem enviada ao Congresso. (Labra, 1985:114-115).

Até o início dos anos 20 pode-se atribuir a consagração de Afrânio Peixoto a três estratégias bem sucedidas: a afirmação de sua identidade profissional no campo da medicina legal e da higiene, que se concretizou na direção do Serviço Médico-Legal e como professor das Faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro, a inserção no mundo literário da *belle époque* carioca e a descoberta do filão do livro didático, que lhe rendeu importantes frutos.

Em 1923, Afrânio tornou-se Presidente da Academia Brasileira de Letras. Na sua gestão a Embaixada da França doou o prédio do "Petit Trianon" para a ABL. De 1925 a 1930 foi deputado federal pela Bahia, vinculado a família política dos Calmons. Exerceu dois mandatos, concentrando suas atividades parlamentares nos seguintes temas: educação, alcoolismo, assistência a insanos, quinina do Estado, código de trabalho, acidentes do trabalho, caixas e pensões, código penal. (Ribeiro; 1950)

Neste intervalo de tempo, participou também da Liga Brasileira de Higiene Mental, criada em 1922. O objetivo da Liga era realizar um programa de higiene mental e eugenia que atingisse o indivíduo, na escola, a vida social e profissional. Afrânio escreveu amplamente sobre temas eugênicos incentivando

o uso da eugenia no trabalho da polícia e na redução da criminalidade hereditária, além de proclamar a cooperação entre os profissionais do direito e da medicina. (Stepan, 1990:117-118, 1991:53).

A Revolução de 30 interrompeu sua carreira parlamentar. Mas, com o processo de centralização política liderado por Getúlio Vargas, Afrânio foi devidamente recompensado. Só depois de 30 os médicos vinculados a Faculdade de Medicina puderam resgatar um antigo projeto abortado no final dos anos 10 de utilizar o serviço médico-legal para as aulas práticas de medicina legal da Faculdade de Medicina.

Após a Revolução, com a posse do médico e advogado Baptista Luzardo na direção da Polícia Federal, foi criado o Gabinete de Identificação do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade do médico Leonídio Ribeiro, discípulo de Afrânio Peixoto. O surgimento deste órgão, que "implementaria técnicas de controle sobre os cidadãos" (Carrara, 1984:2) é um indicador preciso da relevância atribuída a medicina legal nesse período imerso no autoritarismo.

Em 1932, aproveitando as comemorações do centenário de criação da cadeira de Medicina Legal nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, foi inaugurado no Instituto Médico-Legal um anfiteatro especialmente destinado às aulas da matéria. Além disso, os professores da cadeira nas Faculdades de Medicina e Direito receberam o título de peritos oficiais, podendo fazer perícias em presença de estudantes e redigir os laudos finais. Neste mesmo ano, Afrânio Peixoto finalmente tomou-se titular da cadeira de Medicina Legal, na Faculdade de Direito, para a qual já tinha sido nomeado em 1913. (Corrêa, 1982:169)

Parece que o médico baiano, um dos mentores intelectuais destas mudanças, junto com Leonídio Ribeiro, considerou aquele momento dos mais auspiciosos para a medicina legal ao afirmar em 1931, na posse de seu discípulo no Gabinete de Identificação, que: "A medicina Legal não é mais um comentário de leis, porém ciência de observação e experimentação, ciência aplicada ao meio e ao povo brasileiro." (Dois Discursos, 1931:4).

No ano seguinte Afrânio organizou e dirigiu o primeiro Curso de Criminologia realizado no Brasil, na Faculdade de Direito, nos padrões pós-universitários do Curso de Medicina Pública de 1917-1918. Neste período publica diversos trabalhos sobre o tema com expressivas tiragens: Criminologia, Sexologia Forense, Novos Rumos da Medicina Legal, Acidentes de Trabalho. (Ribeiro:1950).

É bom lembrar que o mito fundador da "Escola Nina Rodrigues" é criado nesse período. Ele aparece a princípio num discurso de Afrânio Peixoto na posse de Leonídio Ribeiro no Gabinete de Identificação quando afirma que este "é um discípulo dessa 'escola baiana' que um sábio maranhense instituiu no Norte, o grande Nina Rodrigues". (Dois Discursos, 1931:4).

Três anos mais tarde, num volume especial dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação, dedicado a Afrânio Peixoto, Arthur Ramos escreve um artigo intitulado "Afrânio Peixoto e a Escola de Nina Rodrigues", onde atribui ao médico baiano, o resgate da trajetória de Nina e sua perpetuação, através do trabalho desenvolvido pelo "discípulo dileto" do fundador da moderna medicina legal, em bases científicas.

### Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi o de apresentar algumas estratégias bem sucedidas de um intelectual médico tanto no seu campo específico, o da medicina, como nos campos literário e político. Este exercício de rastreamento da trajetória de Afrânio Peixoto faz parte de um projeto mais ambicioso que é o de analisar as estratégias de intervenção de intelectuais na política a partir de suas áreas de atuação mais específicas. No caso do médico baiano, nota-se claramente um movimento multidirecionado a partir da medicina.

É importante registrar que o percurso de Afrânio não foi destituído de conflitos, especialmente no campo médico. Carlos Chagas foi o seu principal desafeto, como se revelou na orquestração da famosa polêmica em torno da Doença de Chagas ocorrida na Academia Nacional de Medicina. (Britto, 1992) O pano de fundo desta querela estava nas resistências ao poder crescente dos sanitaristas tanto no interior da categoria médica como no aparato de Estado. Este poder operou uma série de deslocamentos tanto em termos de conhecimento médico quanto em relação a implementação de determinadas políticas e a seleção dos atores competentes para viabilizá-las. Com isso alguns médicos se sentiram desprestigiados, como foi o caso de Afrânio Peixoto.

Além disso, a afirmação do ensino da medicina legal dentro da Faculdade de Medicina, não foi, durante um período, totalmente bem sucedido, devido às pressões dos médicos-legistas da polícia, que não desejavam perder o monopólio deste saber médico.

Com todos os conflitos reinantes no período, o que se observa ao longo dos anos 20 é a vitória dos sanitaristas e a sua liderança no campo médico. Neste momento, o desprestígio de Afrânio Peixoto foi compensado por sua atuação parlamentar e literária. Só nos anos 30, que Afrânio recuperará o terreno perdido com a medicina legal sendo alçada a condição de política de Estado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Mario Moniz. *Afrânio Peixoto: Perfil no Centenário*. Bahia: Governo do Estado da Bahia, 1977.
- BRITO, Nara. *Oswaldo Cruz: A Construção de um Mito da Ciência Brasileira*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1992. Dissertação de Mestrado
- \_\_\_\_\_ e Lima, Nísia T. *Saúde e Nação: A Proposta do Saneamento Rural. Um Estudo da Revista Saúde (1918-1919)*. Rio de Janeiro: Estudos de História e Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1991.
- CARRARA, Sergio. A Ciência e Doutrina da Identificação, *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1984.
- CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade - A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Departamento de Ciências Sociais, USP, 1982, mimeo. Tese de Doutorado
- COUTO, Deolindo. *Afrânio Peixoto: Professor e Homem de Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1976.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua História)*. São Paulo: Edusp, 1985.
- HOCHMAN, Gilberto. Veto e Negociação: A Centralização da Política de Saúde em debate na Câmara dos Deputados (1918-1919). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, datilo.
- LABRA, Eliana. *O Movimento Sanitarista nos anos 20. Da conexão sanitária internacional à especialização em saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: EBAP/FGV, 1985. Dissertação de Mestrado.
- MACHADO Neto, A.L.. *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira - 1870/1930)*. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1973.
- MENEZES, Raimundo de. Afrânio Peixoto. In *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1969.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*. São Paulo: Difel, 1979.
- NEEDELL, Jeffrey. *A Tropical Belle Epoque: Elite culture and Society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- PEIXOTO, Afrânio. *Minha Terra, Minha Gente*. Rio de Janeiro: Livraria Alves, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Medicina Legal*. Rio de Janeiro: Livraria Alves, 1914.
- \_\_\_\_\_. Moinhos de Vento *Revista Saúde*, Rio de Janeiro, n.1, jul. 1918.
- \_\_\_\_\_. Dois Discursos (Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro), 1931.
- RAMOS, Arthur. Afrânio Peixoto e a Escola de Nina Rodrigues. In *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, Rio de Janeiro, 1934.
- RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1950.

- SALES, Fernando.** *Aspectos da Vida e Obra de Afrânio Peixoto*. Bahia: Fundação Cultural da Bahia, 1988.
- STEPAN, Nancy.** *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Eugenics in Brazil, 1917-1940*. In *The Wellborn in Science*, Edited by Mark Adams. New York, Oxford University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *The Hour of Eugenics: Race, Gender, and Nation in Latin America*. New York: Cornell University Press, 1991.
- VIANA Filho, Luís.** *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1963.

---

**MARCOS CHOR MAIO**  
Fiocruz/Casa de Osvaldo Cruz  
Endereço para correspondência: Rua Anchieta, 26 apt. 203 - Leme  
CEP: 22.010-070 – Rio de Janeiro – RJ

**Revista da SBPC, n.11, p. 75-81, 1994**